

Uruguai em foco:
Um balanço do Governo
Pepe Mujica



MARCIO MALTA (NICO)

Uruguai em foco: um balanço do Governo Pepe Mujica

MARCIO MALTA (NICO)

2024

ED. UANÁ

Editora Uaná

Leila Maribondo
Editora-Responsável

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho
Editoração, Diagramação, Projeto Gráfico,
Capa.

Todos os direitos autorais reservados ao
autor, Marcio Malta (Nico)

M261u

Malta (Nico), Marcio

Uruguai em foco: Um balanço do Governo Pepe Mujica / Marcio Malta
(Nico) - Niterói, RJ : Editora Uana, 2024.

51 p. : il. : col

ISBN: 978-65-984727-5-7

E-Book Disponível em: <https://www.editorauana.com.br//livrosuana>

1. Ciência Política 2. História - Uruguai 3. Pepe Mujica.

CDD 320.989

Ficha catalográfica elaborada por Elenice Gloria Martins
Pinheiro - CRB7|5338



Atribuição-Não Comercial-Sem Derivações 2.0 Genérica
(CC BY-NC-ND 2.0)

Acesso livre e gratuito.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição – Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.

Não Comercial – Você não pode usar o material para fins comerciais.

Sem Derivações – Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você não pode distribuir o material modificado.

Licenciamento do conteúdo consultar o autor: poetajovem1@gmail.com.

**LER É UM
ATO DE
RESISTÊNCIA!**

CONSELHO EDITORIAL

Bianca Salles Pires

Bárbara Rolim

Camila Faria Pançardes

Carlos Douglas Martins Pinheiro Filho

Daniela Moreno Azevedo Cabral

Daniel Luiz Arrebola

Daniel Maribondo Barboza

Fábio Borges

Felipe Moura Fernandes

Gabriela Cuervo

Guilherme Marcondes dos Santos

Hully Guedes Falcão

Iago Menezes de Souza

Juca Ribeiro

Juliana Lencina

Leila Maribondo Barboza

Luana Reis Andrade

Luci Faria Pinheiro

Maria Thereza C. Gomes de Menezes

Marcelo Gomes

Márcio Malta

Rodrigo Lima

Rodrigo Ribeiro

Railson Barboza

Rosângela Gonzaga de Almeida

Sabrina Parracho Santana

Prefácio

Márcio Malta é um daqueles pesquisadores que tem um faro investigativo quase natural para encontrar temas relevantes e acontecimentos importantes na conjuntura, especialmente quando se trata de questões políticas e econômicas. Como cientista político, sua atenção dedicada aos acontecimentos relacionadas aos Estados, aos partidos e as lideranças políticas no campo progressista, tornou esse talento ainda mais aguçado no que concerne essas temáticas.

Quando o professor Márcio Malta me procurou para editar seu livro sobre Pepe Mujica, não tardou para que surgissem diversas notícias importantes sobre o personagem, como num passe de mágica. A mais recente dessas notícias foi a condecoração de Mujica com medalha da Ordem Cruzeiro do Sul pelo Presidente Lula, que é a mais alta honraria oferecida por chefes de Estado brasileiros a cidadãos estrangeiros.

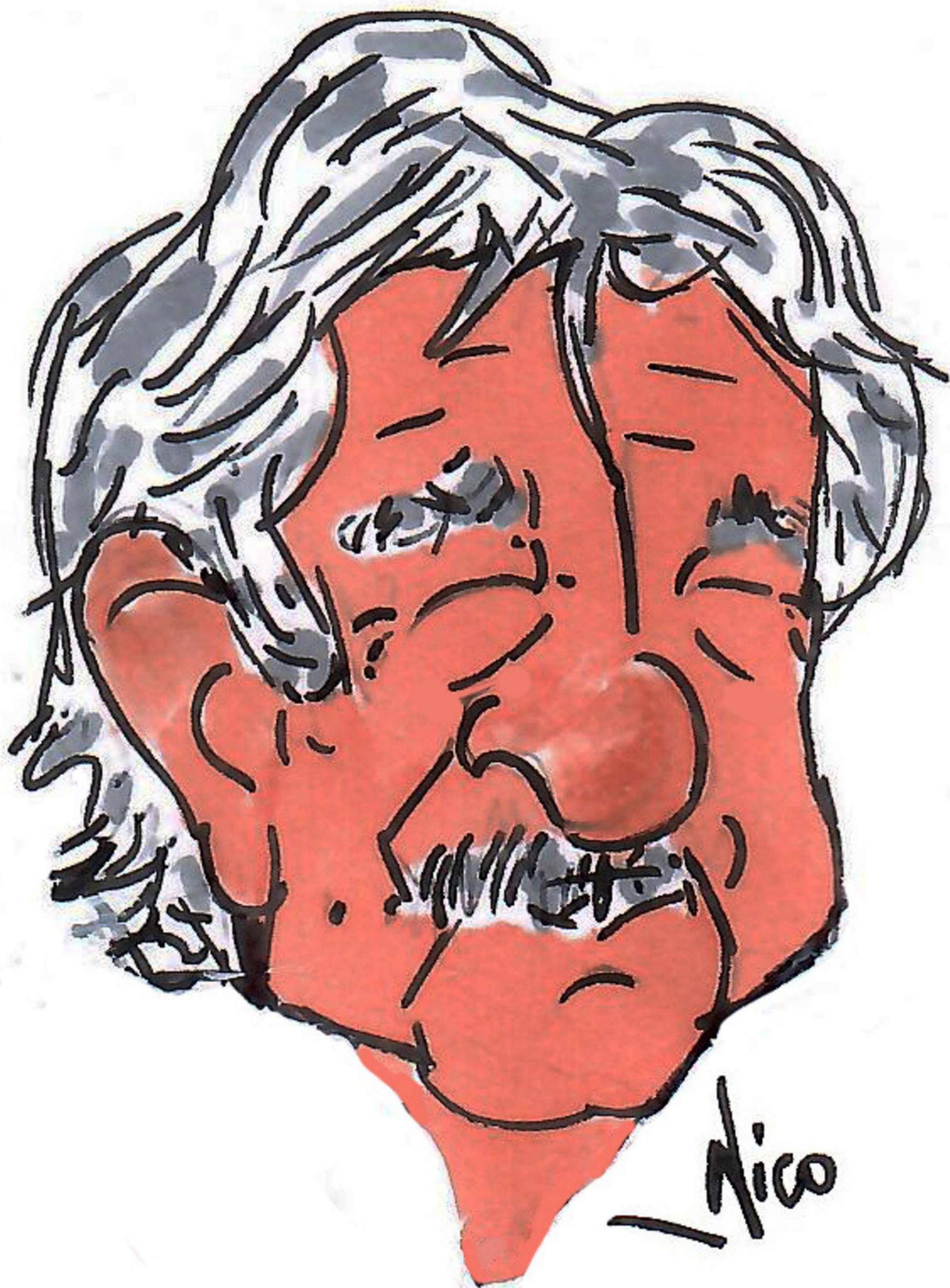
A condecoração, sem dúvidas, já denota a relevância de Mujica, mas ele não é mais o presidente do Uruguai, então qual seria sua importância naquele momento? Pensei que o propósito da medalha era uma homenagem em vida ao antigo líder, afinal, Mujica tem uma idade avançada e não viverá para sempre.

Não deixava de ter essa razão, mas havia algo mais, algo que o presidente Lula ressaltou em sua fala durante a condecoração: “Essa medalha que estou entregando ao Pepe Mujica não é pelo fato dele ter sido presidente do Uruguai. Posso dizer que de todos os muitos presidentes que conheci, que tive amizade, o Pepe é a pessoa mais extraordinária”.

Depois de ler o manuscrito que Márcio Malta me enviou, compreendi melhor a frase do presidente e o legado político de Mujica. Além de ter sido um político do campo de esquerda eleito para a presidência do Uruguai, tendo deixado um legado libertário e transformador, Mujica é um ser humano extraordinário cujo modo de vida, a ética e atuação política são um grande exemplo para a humanidade.

Recentemente, Yamandú Orsi, da Frente Ampla, se elegeu presidente do Uruguai com grande apoio e influência de Mujica, e quiça haverão muitos outros presidentes progressistas no Uruguai. A questão aqui é que dificilmente haverá, neste século e talvez nos próximos, o mundo produzirá alguém como Mujica, e este é o tema mais relevante deste livro, ao reconhecer e celebrar a grandeza desse ser humano, que precisa ser lembrado por muitas gerações como exemplo de luta e humildade.

Prof.^o Dr. Carlos Douglas
FAETEC/RJ



Sumário

Apresentação.....	10
Introdução.....	11
Metodologia.....	14
Uma breve biografia.....	17
Legalização da maconha, descriminalização do aborto e união entre homossexuais como principais legados.....	21
Sobre a integração latino-americana.....	28
A base de Guantánamo e a tradição uruguaia em conceder asilos.....	31
Algumas considerações finais.....	35
Epílogo.....	39
Referências bibliográficas.....	41

Apresentação

O presente livro é resultado de uma apresentação no Grupo de Trabalho “Democracia na América Latina: política, cultura, sociedade do XX” no 38º Encontro da Anpocs, realizado na cidade mineira de Caxambu.

A proposta da obra é fazer um balanço do governo de Pepe Mujica, não estendendo a análise para momentos posteriores. A justificativa de estudar o Uruguai se dá principalmente devido ao parco número de trabalhos que se debruçam sobre o país. Somado a isso está ainda o objetivo de resgatar a contribuição de Mujica, que costuma ganhar as páginas de jornais mais pelo seu comportamento de desapego do que pelo conjunto de ações políticas que seu governo engendrou.

No momento que o livro ganha a luz Pepe Mujica emociona seus seguidores, ao fazer discursos emocionados e em tom de despedida, por encontrar-se acometido por uma grave doença. Independente de seu corpo físico, no sentido material, o seu legado já foi escrito na alma das nações. Principalmente por sua dura crítica à sociedade consumista e por desejar encorajar os jovens a se engajarem em um projeto político.

Márcio Malta (Nico)

Introdução

O objetivo do presente livro é realizar um balanço do governo do Presidente uruguaio José "Pepe" Mujica, que teve início em 2010 e se encerrou no ano de 2015. Para além da abordagem superficialista que geralmente a mídia faz, ressaltando apenas aspectos da vida pessoal do político, o trabalho tem como um dos eixos jogar luz sobre o alcance as medidas ensejadas pela gestão, tais como: a aprovação da união entre homossexuais, a liberação da maconha e da descriminalização do aborto.

Outro plano a ser estudado é o da relação com a sociedade civil e as posturas adotada pelo presidente no trato, por exemplo, com greves de profissionais que se insurgiram, para dar um exemplo, o setor dos professores, assim como as relações com o empresariado, que detiveram um plano de colaboração, principalmente com o agronegócio.

Além da introdução, a estrutura da obra contempla uma digressão acerca da metodologia utilizada na redação do texto. Em seguida será feita uma apresentação do político, apontando dados biográficos a título de compreender a trajetória da personalidade até chegar ao poder. Aspectos essenciais da gestão de Mujica são percorridos nos itens subsequentes, tais

como a legalização da maconha; a perspectiva da integração latino-americana e a oferta de asilo para presos políticos de Guantánamo feita pelo Uruguai aos Estados Unidos. Por último, serão abordadas algumas considerações acerca das perspectivas que se desenham para um próximo governo e o cenário que irá encontrar o sucessor do atual mandatário da nação uruguaia.

É necessário destacar que tanto a eleição quanto o mandato do político de orientação socialista estão inscritas em um período histórico onde a América Latina se insurgiu contra o modelo neoliberal. A política latino-americana transformou-se na primeira década do século XXI. Presenciamos processos insurrecionais que fizeram das novas formas de movimentos sociais (indígenas, sem terras, sem tetos, mulheres etc.) protagonistas das lutas na região. Diferentemente de períodos anteriores de luta, nessa nova fase, presenciamos o abandono da luta armada, por meio da utilização da via institucional como o caminho para a construção das transformações políticas. Será portanto no início do século XXI, em sua primeira década, que serão observadas a assunção de diversos presidentes alinhados historicamente com bandeiras que se opunham aos ditames neoliberais. Seja no caso de opções de centro-esquerda, como visualizado na vitória em 2002 do ex-líder sindical e metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva, passando por modelos mais alinhados a opção bolivariana de Chávez, como no caso da Bolívia a

partir de 2005, onde o também ex-líder sindical, nesse caso do movimento cocaleiro, Evo Morales ganhará as eleições presidenciais ou no caso do Equador, governado a partir de 2007 por Rafael Corrêa.

Analisar o governo Mujica se caracteriza como uma investigação que busca auxiliar a compreensão da região nos marcos do que se convencionou chamar de socialismo do século XXI, inserida em uma dinâmica onde governantes de esquerda estão conseguindo impor, mesmo com limitações, uma nova agenda para a democracia.

Metodologia

Em termos metodológicos, a redação do trabalho se dará pelo levantamento de entrevistas com o Presidente da República, referenciais bibliográficos do campo da Ciência Política, além de uma mirada com perspectiva histórica para compreender o que possibilitou ao país eleger um governo progressista como o de Mujica, que compõe a Frente Ampla, que já está no poder desde 2006.

Podemos enfeixar o presente trabalho como uma análise de conjuntura com viés crítico. Um autor que auxilia a compreender como são feitas tais análises é o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, em seu pequeno livro "Como se faz análise de conjuntura".

Herbert de Souza alerta para o fato de que de forma geral as análises de conjuntura se comportam de uma maneira conservadora. A finalidade principal das coberturas, em especial as da grande mídia, seriam reordenar os elementos concretos da realidade, organizando os fatos a partir de uma ótica da classe dominante, garantindo assim a perpetuação do domínio de classe e o funcionamento do sistema.

Ainda segundo Betinho, aqueles que tecem análises de conjuntura selecionam acontecimentos afinados com os

interesses das classes dominantes. Assim, todo acontecimento deveria passar a ser visto como uma visão de determinado ângulo, não como um fato em si.

Como dito anteriormente, uma fonte fértil de informações será a já referida imprensa, que mesmo com uma abordagem mais superficialista dá conta da personalidade e da história do presidente. O método da análise de discurso permitirá compreender as nuances de tal político e evidenciar sua concepção de mundo e da política.

O grotesco e a ridicularização são táticas usadas corriqueiramente pela grande mídia quando buscam desestabilizar ou questionar a legitimidade dos processos políticos e culturais de grande envergadura que estão em curso no nosso continente.

Um exemplo da afirmação acima estabelecida pode ser vista na designação de "Maconheiro estatal", feita no editorial do jornal carioca "O Globo", de 12/12/2013. Em pauta estava a aprovação por parte do Uruguai da legalização da maconha. Interessante apontar que o veículo de comunicação sequer se opõe à medida, mas sim o caráter estatizante da mesma.

O esforço de compreensão busca dar conta da maneira como os canais de formação de opinião pública se comportam diante de elementos conjunturais, afinal os mesmos veículos são produtores de consciências acerca dos elementos em questão.

Caberá ainda a análise do discurso proferido em 24/09/2013, na 68^o Assembleia das Nações, na Organização das Nações Unidas (ONU), onde Mujica acabou por angariar grande projeção mundial ao político e chamar atenção para o pequeno Uruguai, com uma população estimada em poucos três milhões de habitantes.

Uma breve biografia

Para se compreender a pitoresca figura do agricultor Mujica é necessário remontar-se ao período da ditadura civil-militar que se abateu no país na década de 70 do século XX. Mujica foi um militante do grupo tupamaro, de orientação radical e que utilizava como método a guerrilha.

A repressão aos tupamaros no Uruguai se intensificou nos anos 70, sendo que o Governo do país obteve auxílio dos Estados Unidos em tal empreitada. Parte da escalada da repressão ao grupo se deve ao episódio do sequestro e posterior assassinato de um agente do FBI Dan Mitrione, em agosto de 1970.

O Movimento de Libertação Nacional (MLN-T), a nomenclatura oficial dos tupamaros, sofreu uma severa baixa em junho de 1973. Centenas de jovens militantes do grupo foram presos, sendo que quinze deles sendo classificados sob o signo de "reféns de guerra". A prisão é uma das marcas do início da ditadura uruguaia que começava então.

Mujica permaneceu no cárcere no período de 1973 à 1985, perfazendo um total de doze anos. Sobre a época costuma afirmar não guardar rancor, tendo inclusive visitado no mês de agosto de 2014 as instalações de um

dos quartéis onde permaneceu detido, na cidade de Minas, no departamento de Lavalleja. Na ocasião contou à jornalistas que apesar de ter recordações tristes da época, sua principal preocupação é o futuro de seu país daqui a trinta anos.

Acerca de sua identidade, ou seja, como o presidente se enxerga atualmente, o mesmo costuma se definir como um "camponês de alma", ou em outros momentos se apresenta como um "campesino frustrado", amante da terra. Fato este corroborado pela sua vida na chácara, cercado de animais e de uma vida rural.

Justamente a forma de vida simples e campesina foi o que mais chamou a atenção da imprensa, especialmente a internacional. Residir em uma chácara simples, abdicando do palácio oficial foi uma opção que acabou por se converter, mesmo de forma involuntária, em uma incrível jogada de marketing. Argumentava ainda que caso fosse preciso, o palácio serviria de abrigo para indivíduos em situação de rua em noites mais frias.

Para contribuir à visão franciscana, somados à moradia em estilo rústico, estão o veículo de Mujica, um automóvel Fusca, de cor azul, que acabou por se converter em um dos principais símbolos de seu desapego e o gesto de doar a maior parte do seu salário, cerca de 90%, para organizações não-governamentais que investem em casas populares. Esse último ato é acompanhado de sua esposa, a senadora e também ex-

guerrilheira, Lúcia Topolansky, sua companheira há algumas décadas.

Todo esse rol de costumes acabou por virar um folclore e converter Mujica a uma figura mítica. Mesmo com alguns elementos da burguesia nacional ainda torcendo o nariz para os seus hábitos, principalmente no que tange o seu vestuário despojado, a força da popularidade internacional acabou por lhe dar status de legitimidade também no plano doméstico.

De tom mais conciliador e sem muito alarde, como presidente Mujica foi angariando apoio da opinião pública e conseguiu reverter um alto índice de impopularidade que amargava no início de seu mandato.

Mas, sem sombra de dúvidas, o que acabou por catapultar a fama de Mujica foi o seu discurso na 68ª Assembleia Geral das Nações da Organização das Nações Unidas (ONU), sediada em Nova York, onde o uruguaio despontou para surpresa de todos com um discurso que pregava menos obsessão pelo consumo por parte dos jovens e recomendava que os mesmos fizessem mais amor, menosprezando assim o deus mercado e o esbanjamento. O discurso ofuscou até mesmo a presidenta do Brasil, que abriu o evento, mas tendo a sua fala menos destaque e repercussão.

O mandato de Mujica terminou em janeiro de 2015, e o político tem declarado que irá se eximir de disputar próximos pleitos, se resguardando de eleições vindou-

ras. Afirmou ainda pretender exercer a figura de conselheiro, comportamento aliás típico na Grécia Antiga por parte dos anciões.

Legalização da maconha, descriminalização do aborto e união entre homossexuais como principais legados

O combate à economia suja e ao narcotráfico. Essas seriam as diretrizes segundo Mujica a serem seguidas quanto à pauta da legalização da maconha. De acordo com a nova legislação uruguaia, que entrou em vigor em meados de 2014, os cidadãos estão autorizados a cultivar, adquirir e até mesmo vender a cannabis sativa. Desde que resguardados os níveis impostos pelo Governo, que também vai ser responsável pela produção, em áreas das Forças Armadas. O Governo irá lucrar não somente com a venda, mas também com a tributação da produção e da venda por parte de indivíduos ou mesmo empresas privadas.

O alvo central de tal medida seriam os cartéis do narcotráfico, assim como uma diretriz de saúde pública. O argumento é de que regulamentando e fiscalizando o consumo da erva, os índices de dependentes poderiam ser melhor monitorados.

Em referência ao comportamento da grande mídia brasileira quando o tema é a legalização da maconha, o que assistimos é um verdadeiro achincalhe das medidas em curso no Uruguai. Como, por exemplo o editorial do

jornal carioca "O Globo", que designou o presidente como "maconheiro estatal" em sua edição de 12/12/2013.

Interessante apontar que o veículo de comunicação em questão sequer se opõe à liberalização das drogas em solo uruguaio, mas sim o caráter estatizante da mesma. Mesmo se reconhecendo o princípio democrático do direito à contradição de opiniões por parte do periódico, o que desperta atenção é o aspecto virulento, agressivo com que a grande mídia tratam governantes democraticamente eleitos por seus povos, em especial na América Latina, como é o caso do presidente uruguaio Pepe Mujica.

Os meios de comunicação de forma recorrente denominam como ditadores os detentores de cargos públicos através do sufrágio universal, ao passo que se apressam em apoiar investidas golpistas, como no caso de Honduras, seja em 2009, com a deposição do presidente Zelaya, ou na recente fraude eleitoral posta em curso pelos governistas nas eleições presidenciais. Sem falar nas comemorações pela também deposição do presidente paraguaio Lugo, outro que sofreu ataques pessoais de ordem moral. O grotesco e a ridicularização são táticas usadas corriqueiramente pela grande mídia quando buscam desestabilizar ou questionar a legitimidade dos processos políticos e culturais de grande envergadura que estão em curso em nosso continente.

Por outro lado, quando os jornais não detratam o presidente José Mujica, costumam o incensar. "O Estado de São Paulo" em entrevista recente, datada de 30/06/2014, abordou o político como uma figura "de pé no chão", que segundo a publicação teria um "estilo de vida modesto que atrai admiração no mundo todo".

Esse descompasso de apreciações não se atém somente à cobertura da política uruguaia. Quando abordam outros governos latino-americanos com viés à esquerda, "O Globo" costuma de fato desferir ataque mais virulentos. O mesmo acontece, por exemplo, em relação às matérias que reportam ao governo venezuelano, seja de Hugo Chávez, ou de Nicolás Maduro.

Como análise de discurso, podemos apontar que as declarações de Mujica se assemelham aquelas proferidas por um eixo menos radical de presidentes progressistas. Mujica estaria assim mais próximo de Michele Bachelet e Dilma Rousseff, presidentas do Chile e Brasil, respectivamente. Bachelet em seu discurso de posse neste ano de 2014 se comprometeu em reduzir a desigualdade e atacar problemas como a pobreza; sendo que o governo de Dilma também tem se comprometido, pelo menos no plano retórico, em minorar tal mazela.

Ao elege o ataque à pobreza como principal meta, Mujica afirma que temas como maconha, aborto e a questão dos homossexuais não seriam maiores do que o problema da desigualdade social. A relevância da ques-

tão pode ser sentida ao se verificar que em seu discurso na ONU o político também adotou como eixo central, mesmo que de forma vaga, o combate à miséria, como pode-se constatar na transcrição do seguinte trecho: "É possível arrancar tranquilamente toda a indigência do planeta (MUJICA, 2013).

Nesse tocante, Mujica remete ao seu passado de "ex-guerrilheiro" e se atém à velha oposição entre classes como o cerne das disputas políticas. Suas declarações tem um nítido viés socialista: "alguns podem ter o sonho de uma sociedade sem classes, igualitária - eu sou uma dessas pessoas" (MUJICA, 2014 (b)).

Stuart Hall, em seu clássico ensaio "A identidade cultural na pós-modernidade" aponta para uma possível "crise de identidade" oriunda da fragmentação das paisagens de classe, gênero e etnias. O governo Mujica porém parece lidar bem com esses possíveis pólos contraditórios e demonstra conhecimento de causa para trabalhar novos cenários sem abandonar antigos paradigmas.

Oportuno lembrar que, mesmo se posicionando de tal forma, não remeteu as demais temáticas ao ostracismo. Pelo contrário, as enfrentou de maneira bastante característica, não economizando gestões em tocar em certos pontos considerados tabus. Mujica porém minimiza seus empreendimentos e aponta que foi mais fácil realizar tais feitos por conta da tradição laica exis-

tente no Uruguai. Na seguinte passagem, fica nítida a demarcação do país como uma vanguarda em diversos campos:

(...) Há muito tempo, o Uruguai fez essa divisão entre Igreja e Estado. Reconheceu a prostituição e regulamentou como profissão. Reconheceu o divórcio pela vontade exclusiva da mulher. Reconheceu o voto feminino muito antes de outros países. Temos uma tradição cultural nesse sentido. Pode ser surpreendente para quem vê de fora, com outros paradigmas de sociedades que certas tradições religiosas contribuíram para criar éticas que consideramos um pouco conservadoras (MUJICA, 2014 (b)).

O esforço para tirar de si os holofotes é notório, mas que pese as limitações de outros países para lidar com esses temas, o presidente está correto. Afinal, caso se queira novamente comparar o Uruguai com o Brasil e Chile, as gestões no sentido de legalizar o aborto, a maconha, ou os direitos dos homossexuais têm encontrado forte resistência, seja da classe política e mesmo da sociedade civil, ou de sobremaneira pelo lobby das bancadas religiosas.

Sobre os governos progressistas da América do Sul, eleitos em contraposição ao neoliberalismo e o esgotamento desse modelo, Mujica os classifica como de esquerda, "ma non troppo". Ou seja, não seriam tão à esquerda assim. Exemplifica com o caso brasileiro, que:

"é uma esquerda moderada que procura que o sistema funcione e que luta para distribuir um pouco melhor" (MUJICA, 2014 (a)).

Acerca dos países mais próximos do bolivarianismo, Mujica afirma não enxergar projetos mais radicais do que aos acima discorridos. Segundo o uruguaio esse radicalismo estaria tão somente no discurso. O político cita como exemplo o esforço fiscal de Evo Morales e o superávit primário por um longo período. Assim como supostamente estaria ocorrendo com o governo de Rafael Correa, no Equador. Mujica chega a conclusão que são ótimos administradores, a despeito das falas mais extremadas.

O próprio Mujica seria um sintoma daquilo que aponta em seus colegas. Em seus discursos costuma ser mais crítico e contumaz, sendo que no plano prático se comporta de maneira mais conciliadora. No seu entendimento tais práticas seriam como uma alternativa mais amistosa.

Uma frase pronunciada por Pepe é lapidar para arrematar a sua concepção de como os governantes progressistas da América Latina, em termos de condução de políticas públicas se comportam de maneira exemplar: "é como se os latino-americanos tivéssemos aprendido com a dor" (MUJICA, 2014 (a)).

Em seu discurso na ONU, Mujica também remete à dor, no caso os "desencontros do passado" como peda-

gógicos: "ressurgimos no mundo globalizado, talvez aprendendo de nossa dor" (MUJICA, 2013). Geralmente o remontar ao passado em suas falas remonta a uma espécie de autocrítica ao passado de guerrilheiro. Como na frase do mesmo discurso onde reconhece que: "meus erros são, em parte, filhos de meu tempo Obviamente, os assumo, mas há vezes que medito com nostalgia" (MUJICA, idem).

Em algumas de suas declarações Mujica costuma afirmar que não deseja remoer memórias, inclusive as do cárcere e se mostra compreensivo com aqueles que o prenderam e torturaram. Em tom de auto-crítica assevera: "não vivo para cobrar contas ou para reverberar memórias" (MUJICA, 2013).

As utopias teriam ficado para trás. Como Jürgen Habermas vaticinou em seu ensaio "A nova intransparência", a crise do modelo de bem-estar social teria como consequência um esgotamento das energias utópicas, ou nas palavras do intelectual, um "influxo de energias utópicas" (HABERMAS,1987,p.104). A utopia surge na fala de Mujica como relegada ao passado: "quem dera ter a força de quando éramos capazes de abrigar tanta utopia" (MUJICA, 2013).

Sobre a integração latino-americana

Acerca da integração latino-americana, em suas entrevistas o presidente uruguaio costuma dissertar sobre a necessidade de uma maior cooperação entre os países da região. Em seu discurso na ONU chega a apontar a formação de uma América Latina como pátria de todos.

Crítico do que designa como um imperialismo brasileiro, ao mesmo tempo afirma reconhecer os motivos de tal comportamento, que estaria em consonância com a história do país.

A favor de uma maior integração comercial, Mujica adverte que o Mercosul estaria estagnado. Para o político, os mecanismos institucionais não funcionariam e o bloco ficaria assim por demais refém de decisões insuladas nas cúpulas, principalmente nas mãos dos presidentes.

Ainda segundo Mujica, o mundo estaria passando por uma crise de representação política de ordem global, haja visto o poder estar concentrado em especial nas mãos de grandes financistas, o que levaria a um esvaziamento da política. Segundo o político:

É um problema global. A política não governa. O processo de globalização anda solto, sem governança.(...)É hora de pensar a

longo prazo, olhar mais longe. Eu entendo os empresários. Eles têm que se preocupar com todo fim de mês porque, senão... Mas há necessidade de ir construindo coisas complementares (MUJICA, 2014 (a)).

Como alternativa, o presidente uruguaio aposta na necessidade de construção de mecanismos de fortalecimento da governança, afim de evitar um maior divórcio entre a política e a economia. A saída para esse impasse é apontada da seguinte maneira:

(...) Nem os Estados nacionais grandes, nem as transnacionais e muito menos o sistema financeiro deveriam governar o mundo humano. Sim, a alta política entrelaçada com a sabedoria científica, ali está a fonte (MUJICA, 2013).

Os comentários de Mujica transbordam as fronteiras e o político se mostra preocupado com o modelo mundial de condução política que vem se desenhando em um cenário internacional. Aprofundando as ideias acima exposta, conclui que:

Além de precisarmos nos cuidar diante do mundo, a questão financeira não pode sepultar o econômico. O econômico deve e. Algumas estar acima do financeiro. Temos os papéis trocados neste mundo. E isso faz parte das contradições da época em que vivemos. Algumas coisas são inexplicáveis: a crise dos Estados Unidos, a crise em partes da Europa. Tudo vem do financeiro. Temos que aprender com a realidade (MUJICA, idem).

Para além da chave da perspectiva latino-americana, uma outra variável bastante comum nos discursos de Mujica é o pertencimento ao sul. O presidente trabalha essa perspectiva como uma noção de pertencimento a uma tradição, que remete a uma historicidade, a uma tradição.

Em seu já citado discurso na Assembleia Geral das Nações, Mujica cita por diversas vezes a sua filiação ao sul, que também pode ser lida dentro de uma chave gauchesca e ainda, em outra medida, enquanto hemisfério sul, ou seja, os de baixo, não só em termos geográficos, mas também enquanto estrato social.

A repetição da afirmação por Mujica ao longo de seu texto é acentuada, enfática, quase como um mantra. A frase de abertura da peça é inclusive esta: "Amigos, sou do sul, venho do sul" (MUJICA, 2013). A citação reivindica a região, ressalta o pertencer e um orgulho entranhados em oposição ao norte. Como diria uma épica canção do Clube da Esquina, "Para Lennon e McCartney", de autoria dos irmãos Lô e Marcio Borges e Fernando Brant: "eu sou da América do Sul, eu sei vocês não vão saber".

A base de Guantánamo e a tradição uruguaia em conceder asilos

O presidente Mujica também surpreendeu ao negociar com o presidente norte-americano Barack Obama o envio de presos da base de Guantánamo, sendo que uma das promessas de campanha do estadunidense havia sido acabar com essa penitenciária.

O argumento do uruguaio é que o país possui uma forte tradição em abrigar exilados, sendo constituído desde suas fundações por pessoas que tiveram que sair de seus países por perseguição. Afirmou em entrevistas que o Uruguai sempre teria as portas abertas, exemplificando com os casos dos políticos brasileiros Leonel Brizola e João Goulart.

Ainda sobre a questão de Guantánamo, segundo Mujica:

Nós dissemos que nos pareceu uma causa justa, porque sempre criticamos os Estados Unidos pela prisão de Guantánamo. Não se pode defender a democracia, o Estado de direito, e depois ter prisioneiros sem julgamento e sem tribunais. É uma contradição. Este presidente americano fez campanha e disse isso (MUJICA, 2014 (b)).

Uma contrapartida solicitada pelo Uruguai diante do pedido dos Estados Unidos foi a soltura de presos polí-

ticos cubanos que estão sob cárcere nos Estados Unidos. A linha de raciocínio de Mujica foi a seguinte:

E nós queremos que outros países da América entendam isso. Porque também devemos ajudar Cuba. Não podemos falar todos os dias sobre direitos humanos e proferir lindos discursos e não ter compromisso (MUJICA, 2014 (a)).

Ao ser questionado se Cuba era uma democracia, Mujica em sua resposta traçou uma discussão acerca do modelo de democracia que é tomado como uma espécie de modelo único:

Com as definições do Ocidente e da democracia representativa, não. Com as definições marxistas e leninistas de democracia popular, certamente. Mas não me preocupa tanto. De qualquer forma, o que se possa negar de Cuba, ao lado da China, parece-me ridículo. E ninguém tem problemas com a China. Isto significa que criamos muito problema com Cuba porque ela é pequena. E com a China, como precisamos dela, vedemos para ela e compramos dela, fazemo-nos de distraídos (MUJICA, 2014 (a)).

Ao trabalhar a separação entre definições de democracia, Mujica mira na democracia liberal. Segundo Atílio Borón, este modelo estaria fadado a tão somente "um puro mecanismo formal de constituição e organização do poder político" (BORÓN, 2002, p.94).

Tal ordenação apontada resultaria em um "consistente desprezo pela participação das classes subalternas e da cultura popular" (BORÓN, idem, p.104). Em contrapartida, Mujica aponta Cuba como uma configuração de diferente arranjo, mas também legítima e passiva de ser reconhecida e respeitada pela comunidade internacional.

Mujica defende em sua fala o respeito às diferenças de arquiteturas institucionais por parte dos países e demonstrou uma postura de respeito à alteridade digna de tratados antropológicos:

Cuba tem o sonho de se tornar uma democracia sem classes sociais. Já paga um preço alto. Mas Cuba, e qualquer outro país, deve ser respeitado. Para conviver neste mundo há uma regra de ouro: aprender a respeitar aquele com que estamos em desacordo. O mundo é diferente. As culturas árabes, as culturas muçulmanas têm diferentes valores e pontos de vista divergentes aos nossos. Devemos respeitar, pois, caso o contrário, as contradições são explosivas (MUJICA, 2014 (a)).

Estariam em jogo mais de uma versão da democracia. Sendo que a forma hegemônica, a liberal, estaria ferida, segundo Mujica. O político explicitou essa crença em seu pronunciamento na ONU: "(...) Portanto é uma democracia ferida e está cerceando a história de um possível acordo mundial de paz, militante, combativo e verdadeiramente existente" (MUJICA, 2013).

A defesa de uma concepção que respeita o outro não se limita à sua aceção da democracia. Seria extensiva a como lidar com culturas diferentes:

(...) carrego o dever de lutar por tolerância, a tolerância é necessária para com aqueles que são diferentes, e com os que temos diferenças e discrepâncias. Não se precisa de tolerância com aqueles com quem estamos de acordo. A tolerância é o fundamento de poder conviver em paz, e entendendo que, no mundo, somos diferentes (MUJICA, 2013).

A tônica da personalidade de Mujica pode ser resumida na característica de saber conciliar com os contrários, não restringindo suas ações somente ao leque limitado daqueles que pensam como ele.

Algumas considerações finais

Em seguidas entrevistas, Mujica foi questionado se a oposição caso saia vencedora, suas medidas poderiam ser sustadas, principalmente no que tange à maconha. O político invariavelmente responde de maneira taxativa que não acredita em retrocessos e grandes alterações em seus feitos. Reconhece apenas que talvez o ritmo de tais mudanças seja outro, caso algum político da oposição vença o pleito, seja ele do partido Colorado, ou Blanco.

Outro cenário a ser vislumbrado é a vitória do candidato apoiado por Mujica, o ex-presidente Tabaré Vázquez, que lidera as pesquisas de intenção de voto até o momento. Não se sabe se Tabaré caso eleito pela Frente Ampla irá aprofundar as medidas de Pepe, seja por dificuldades de não ter o mesmo ímpeto e clamor internacional, ou mesmo por ter feito um governo consideravelmente mais tímido no tocante aos eixos analisados ao longo do artigo.

Os principais legados do governo Mujica são, sem dúvida, a aprovação de temáticas como a legalização do aborto, da maconha e o reconhecimento dos direitos dos homossexuais por parte do Estado, assim como uma outra relação frete ao uso dos recursos naturais, valori-

zando os interesses da população local e a afirmação da necessidade da unidade latino-americana, se aproximando desta maneira dos bolivarianos. Mas talvez o principal legado não tenha sido de caráter material. A principal herança da gestão seria uma nova percepção de mundo, tendo se notabilizado uma mudança cultural bastante significativa.

Com o presidente "Pepe" Mujica, o Uruguai entrou novamente no mapa internacional. Mesmo sendo muitas vezes por seu comportamento atípico e simples, o político chamou a atenção do mundo para o seu pequeno país, demonstrando características peculiares desta nação, que possui relativa autonomia, justamente pela sua falta de grandeza.

Muitas das vezes os uruguaios afirmam que seria mais fácil empreender mudanças em um território pequeno como o deles. Até mesmo em caráter de experiência. Tal discussão remonta aos autores clássicos da política, que desde Platão e Aristóteles discutem acerca do tamanho ideal das comunidades.

Nesse tocante, o tamanho é na verdade uma desculpa. Afinal nações análogas, como o caso do Paraguai, não conseguiram romper com uma série de desafios históricos e se mantêm enredados e subservientes. O que podemos defender é uma coragem por parte de Mujica em tocar e deliberar em questões que muitos políticos passam longe com o receio de que tais medidas possam lhe trazer ônus eleitorais.

zando os interesses da população local e a afirmação da necessidade da unidade latino-americana, se aproximando desta maneira dos bolivarianos. Mas talvez o principal legado não tenha sido de caráter material. A principal herança da gestão seria uma nova percepção de mundo, tendo se notabilizado uma mudança cultural bastante significativa.

Com o presidente "Pepe" Mujica, o Uruguai entrou novamente no mapa internacional. Mesmo sendo muitas vezes por seu comportamento atípico e simples, o político chamou a atenção do mundo para o seu pequeno país, demonstrando características peculiares desta nação, que possui relativa autonomia, justamente pela sua falta de grandeza.

Muitas das vezes os uruguaios afirmam que seria mais fácil empreender mudanças em um território pequeno como o deles. Até mesmo em caráter de experiência. Tal discussão remonta aos autores clássicos da política, que desde Platão e Aristóteles discutem acerca do tamanho ideal das comunidades.

Nesse tocante, o tamanho é na verdade uma desculpa. Afinal nações análogas, como o caso do Paraguai, não conseguiram romper com uma série de desafios históricos e se mantêm enredados e subservientes. O que podemos defender é uma coragem por parte de Mujica em tocar e deliberar em questões que muitos políticos passam longe com o receio de que tais medidas possam lhe trazer ônus eleitorais.

Desde o início de seu governo, mesmo com índices de popularidade em franca decadência, Mujica soube persistir e colher os frutos de sua ousadia. Contrariou a opinião pública quando esta se mostrava hostil às mudanças. O seu legado foi o de ter perseverado durante as dificuldades, sabendo compor um governo com um forte legado por suas ações.

Epílogo

Na eleição presidencial de 2024 foi decisivo o apoio de Mujica ao candidato da Frente Ampla, Yamandú Orsi.

Aos 89 anos, convalescente, o discurso de Mujica em tom de despedida emocionou à plateia. Com o lastro de Pepe, Orsi se sagrou vitorioso no segundo turno do pleito.

Dessa maneira, fica evidente como a figura do ex-presidente se cristalizou e entrou no imaginário político do país, que admira o seu legado.

Em dezembro de 2024 Pepe Mujica recebeu a maior honraria brasileira, a medalha da ordem do Cruzeiro do Sul. Entregue pelas mãos do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, o encontro na chácara do ex-presidente uruguaio emocionou pela tônica de reconhecimento pela trajetória de Mujica.

A condecoração feita por Lula ocorreu em paralelo ao anúncio da celebração do acordo entre Mercosul e União Europeia, que demorou mais de duas décadas para ser ratificado.

O encontro entre os dois amigos possui um significado mais amplo, o do reconhecimento da importância do incremento das relações entre países do hemisfério sul,

em prol da construção de uma nova ordem internacional multipolar.

Referências bibliográficas

BORÓN, Atílio. Entre Hobbes Friedman: liberalismo econômico e despotismo burguês na América Latina. In: Estado, capitalismo e democracia na América Latina Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CERVO, Amado Luiz. Relações internacionais da América Latina : velhos e novos paradigmas, São Paulo : Saraiva, 2007.

HABERMAS, Jürgen. A Nova Intransparência: a crise do Estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas. In: Novos Estudos (18). São Paulo, CEBRAP, set./1987.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. São Paulo: DP & A, 1999. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

LOWY, Michael. O marxismo na América Latina. São Paulo: ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Sete interpretações da realidade peruana. São Paulo, Expressão Popular/Clacso, 2008.

MUJICA, José. Leia a íntegra do discurso de José Mujica na ONU. Zero Hora, Porto Alegre, edição digital, 26/09/2013. Tradução de Fernanda Grabauska.

MUJICA, José (a). Apesar de viés imperialista, Brasil precisa dos vizinhos, diz Mujica. Folha de São Paulo, São Paulo, edição digital, 19 jul. 2014. Entrevista concedida a Fernando Rodrigues.

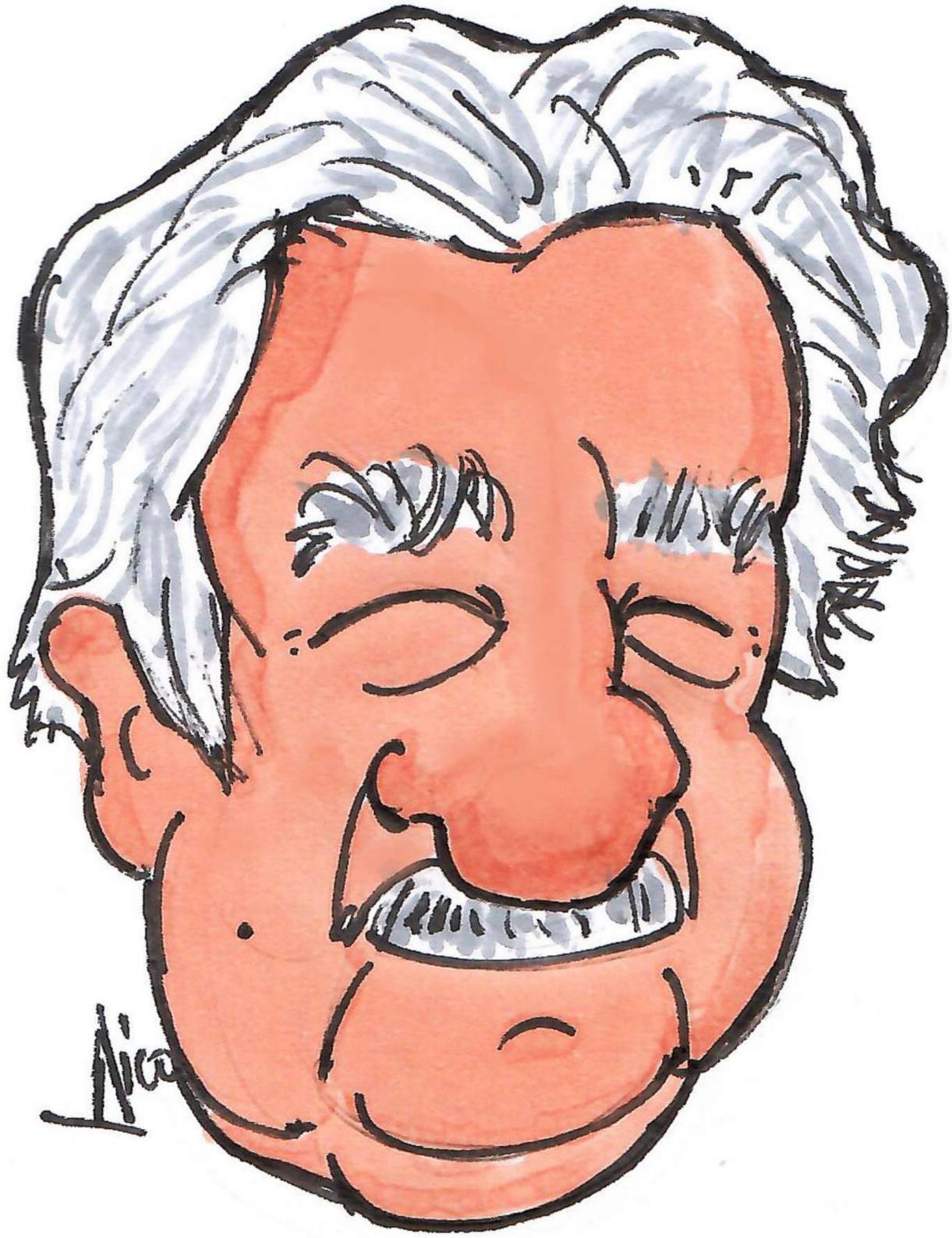
_____ (c). Meu legado será reduzir a desigualdade. Estado de São Paulo, São Paulo, edição digital, 28 jun.2014. Entrevista concedida a Alessandro Giannini.

RIBEIRO, Darcy. América Latina: a pátria grande. Rio de Janeiro: Guanabara dois, 1986.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. O espírito de Cochabamba: a reapropriação social da natureza. In: SEMERARO, Giovanni et al (Org.) Gramsci e os movimentos populares. Niterói: Ed. UFF, 2011.

SADER, Emir (coord.). Cadernos de Pensamento Crítico Latino-americano. São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2008.











Sobre o autor

Professor associado de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (INEST/UFF, Relações Internacionais). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e Segurança (PPGEST/UFF). Professor do Curso de Pós Graduação Lato Sensu MBA em Estudos Estratégicos e Relações Internacionais. Pesquisador do Laboratório de Política Externa (Lepeb/UFF). Pesquisador do Laboratório de Estudos em Política Internacional (Lepin/Uff). Doutor em Ciência Política no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (PPGCP/UFF). Atua nas áreas de Relações Internacionais, pensamento social brasileiro e pensamento político latino-americano. Mestre em Ciência Política pelo Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Cartunista, assina o pseudônimo de Nico. Pesquisador do INCT-InEAC no âmbito do Projeto Atena.



Publicado no último dia de primavera de 2024



Editora Uaná

www.editorauana.com.br

www.instagram.com/editorauana

editorauana@gmail.com

O presente livro é desdobramento do encontro da ANPOCS, em uma versão ampliada, revista e atualizada. A proposta da obra é fazer um balanço do governo de Pepe Mujica, não estendendo a análise para momentos posteriores. A justificativa de estudar o Uruguai se dá principalmente devido ao parco número de trabalhos que se debruçam sobre o país. Somado a isso está ainda o objetivo de resgatar a contribuição de Mujica, que costuma ganhar as páginas de jornais mais pelo seu comportamento de desapego do que pelo conjunto de ações políticas que seu governo engendrou.